

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

O DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE UVA: UMA ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DA REGIÃO DO VALE DO SÃO FRANCISCO NO PERÍODO DE 2005 A 2014

Geisa Velozo Amaral*
Ronisson Lucas Calmon da Conceição**
Renato Droguett Macedo***
Mônica de Moura Pires****

Resumo: O agronegócio brasileiro de frutas tem ganhado cada vez mais destaque na dinâmica econômica do Brasil, tanto pelo aumento do consumo interno quanto pela posição cada vez mais relevante no mercado internacional. Nesse contexto, o presente estudo analisa o desempenho das exportações de uvas, no período de 2005 a 2014, da região do Vale do São Francisco comparando-a à produção das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Para analisar a competitividade das exportações de uva foram utilizados os indicadores de competitividade: Vantagem Comparativa Revelada (VCR), Taxa de Cobertura (TC), Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC) e Posição Relativa de Mercado (PRM). Os resultados indicam que, para o período analisado, o Vale do São Francisco possui maior competitividade no mercado exportador de uvas no Brasil, dentre as regiões produtoras do país, embora o Sul e o Sudeste destaquem-se no volume total produzido. Tal fato se deve às diferenças entre os mercados destino da produção entre essas regiões. Dessa forma, tornam-se importantes medidas de políticas públicas diferenciadas regionalmente, a fim de apoiar a competitividade da produção de uva, nos mercados interno e externo, vislumbrando as especificidades do mercado consumidor.

Palavras-chave: Indicadores de competitividade. Mercado. Produção de uva. Vale do São Francisco.

Abstract: Brazilian fruit agribusiness has been gaining more and more prominence in Brazil's economic dynamics, both due to the increase in domestic consumption and its increasingly important position in the international market. In this context, the present study analyzes the performance of grape exports from 2005 to 2014 in the region of the São Francisco Valley, comparing it to production in the South and Southeast regions of Brazil. In order to analyze the competitiveness of grape exports, the following competitiveness indicators were used: Revealed Comparative Advantage (VCR), Coverage Ratio (TC), Trade Balance Contribution Index (ICSC) and Relative Market Position (PRM). The results indicate that, for the analyzed period, the São Francisco Valley is more competitive in the export market of grapes in Brazil, among the producing regions of the country, although the South and Southeast are more prominent in the total volume produced. This is due to the differences between the target markets of production between these regions. In this way, important measures of regional policies differentiated regionally, in order to support the competitiveness of grape production, in the internal and external markets, glimpsing the specificities of the consumer market.

Keywords: Competitiveness indicators. Market. Grape production. São Francisco Valley.

*Discente do curso de Economia do DCEC/UDESC. Bolsista FAPESB/UDESC. e-mail: geisa_veloso@hotmail.com.

**Discente do curso de Economia do DCEC/UDESC. Bolsista PROBEX/UDESC. e-mail: ronissonlcdc@gmail.com.

***Economista, mestrando em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz (PRODEMA/UDESC) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: renato.droguett@outlook.com.

****Administradora pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, com mestrado e doutorado em Economia Rural pela Universidade Federal de Viçosa e pós-doutorado em Modelagem Econômica pelo Colegio Postgraduados, Montecillo, Texcoco, México. Professora plena do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Santa Cruz, Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente e do Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UDESC). E-mail: mpires@uesc.br.

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

1 Introdução

Nos últimos anos, o Brasil vem se destacando na produção de frutas, ocupando a terceira posição em nível mundial. Em relação à participação do país no mercado internacional, o volume comercializado de frutas só foi superado pela China, Estados Unidos e Índia. Citando dados utilizados por Fonseca (2010), no contexto internacional, em 2008 as cinco principais frutas produzidas foram melancia, banana, maçã, laranja e uva, chegando a quase 400 milhões de toneladas o total mundial.

No contexto do Brasil, as frutas que possuem maior demanda e oferta no mercado interno são: banana, maçã, laranja, mamão e abacaxi, enquanto a uva ocupa a décima primeira posição (AGRONEGÓCIO BALANÇO, 2013). Todavia, na pauta de exportações a uva tem uma participação relevante, tanto sob a forma *in natura* (fruta fresca), como insumo na cadeia produtiva de vinhos e sucos (IBRAF, [s.d]; VELOSO et al., 2008).

No mercado internacional, os dez maiores produtores no ano de 2013 foram China, Estados Unidos, Chile, Argentina, Índia e Irã. Na Europa, Itália, Espanha, França e Turquia se destacam entre os maiores produtores, e a produção agregada desses cinco países alcançou em 2013 um volume superior a 20 milhões de toneladas. Nesse mesmo ano, o Brasil ocupou a 13ª posição entre os produtores mundiais de uvas, e um volume produzido ao redor de um milhão de toneladas (FAO, 2015). A Holanda e o Reino Unido são os maiores demandantes da uva brasileira, chegando a importar 39 mil toneladas no primeiro semestre de 2012, um volume superior ao mesmo período do ano anterior.

No Brasil, as regiões brasileiras produtoras de uva estão situadas nos paralelos clássicos da viticultura mundial do Hemisfério Sul, apesar da presença de plantios na zona intertropical destinados à elaboração de vinhos (MELLO, 2009). Assim, a produção do país está situada nas regiões do Sul, Nordeste e Sudeste. Em 2013, os estados do Rio Grande do Sul, Pernambuco, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Bahia e Minas Gerais se destacaram como os maiores produtores. Em nível nacional a maior quantidade de áreas plantadas e também o maior volume produzido (cerca de 56% da produção do país) concentram-se no Rio Grande do Sul, o que faz com que a região Sul do Brasil se constitua na mais relevante no mercado de uvas (IBGE, 2013).

Historicamente, os primeiros plantios de uva no Brasil ocorreram no estado de São Paulo, quando portugueses da Ilha da Madeira em 1532 introduziram as primeiras mudas

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

desta fruta. Essas eram de uvas finas (*Vitis vinifera*) oriundas da Europa, e foram selecionadas com base em informações e experiência pessoais dos vitivinicultores europeus. Porém a história da produção de uva no Brasil passa a ser contada, efetivamente, mais de 300 anos depois de sua introdução em terras brasileiras (CAMARGO; TONIETTO; HOFFMANN, 2011).

No Vale do São Francisco, a produção de uva é ainda mais recente quando comparada aos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. No entanto, cada vez mais essa região vem expandindo as áreas produtivas com essa fruta, tornando-se um grande competidor no mercado exportador de uvas (TONDATO, 2006). No Brasil, a uva produzida destina-se a dois mercados específicos: vinhos/sucos e uva de mesa (fruta fresca). Quanto ao comércio internacional, a uva de mesa brasileira vem conquistando cada vez mais os consumidores europeus, especialmente a fruta sem semente.

Assim, o Vale do São Francisco tem expandido sua participação na produção e na exportação de uva, o que torna essa fruta importante para a dinamização do agronegócio, especialmente no que diz respeito à geração de divisas, emprego e renda para o país (MAPA, 2015). Nesse sentido, é relevante analisar a competitividade sob o foco do desempenho das exportações de uvas do Brasil, e dessa forma identificar o posicionamento das principais regiões produtoras do país, Vale do São Francisco, localizado entre os estados da Bahia e de Pernambuco, região Nordeste; os estados de Minas Gerais e São Paulo, região Sudeste; Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, região Sul.

Para atingir tal objetivo, faz-se inicialmente uma breve descrição da evolução do setor produtor e exportador brasileiro de uva; e em seguida uma análise do desempenho das exportações da uva brasileira. Tais análises servem para subsidiar a comparabilidade da competitividade entre as principais regiões produtoras de uva do Brasil.

Ressalta-se que pesquisas desta natureza são relevantes, pois orientam e fundamentam a elaboração de políticas públicas, tornando-as mais exitosas e contribuindo, portanto, para o desenvolvimento do setor agrícola, sobretudo aquele com inserção no comércio internacional. Os resultados obtidos podem, assim, estimular o setor público na promoção de políticas de inversões de capital para o desenvolvimento de capacidade tecnológica nos plantios de novos e antigos vinhedos. No aspecto privado, podem ajudar na tomada de decisões de investimento dos empresários, visto que a região do Vale do São Francisco proporciona duas colheitas de

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

uva por ano, em função da condição edafoclimática local, o que permite custos menores nos investimentos em estrutura física e potencialmente maior lucratividade do negócio.

O método de análise aqui utilizado foi aplicados em diversos trabalhos sobre os mercados agrícolas, citam-se Mota; Cerqueira; Rezende, 2013; Fernandes; Wander; Ferreira, 2008; Ilha; Wegner; Dornelles, 2010; Petruski et al., 2012; Coronel; Machado; Carvalho, 2009; Silva; Montalván, 2005. No entanto, nenhum deles tratou sobre o mercado de uva na perspectiva proposta neste trabalho.

2 Cenário da viticultura brasileira e mundial

A produção mundial de uva vem crescendo nos últimos anos, chegando ao redor de 76 milhões de toneladas no ano de 2013. Dentre os maiores produtores, em 2013, tem-se China, Itália, Estados Unidos, Espanha, França, Turquia, Chile, Argentina, Índia e Irã. Devido às técnicas de plantio antigas e ao tradicionalismo na produção de uva e seus derivados, os três países da Europa (Itália, França e Espanha) se destacaram na produção, com cerca de 20 milhões de toneladas em 2013 (FAO, 2015).

Dados da FAO (2015) mostram que a China tem posição importante nesse mercado, pois além de maior produtor, ocupa também a posição de maior consumidor de uva de mesa, quando se analisa o período de 2005 a 2013, demandando 7,2 milhões de toneladas em 2013, o que representa 74% do consumo mundial dessa fruta, e desde 2010 vem liderando o *ranking* da produção de uva no mundo. Enquanto a Itália vem perdendo posição, apesar da sua importância nesse mercado. Mesmo assim, em 2013 os países europeus concentraram a maior produção de uvas, em torno de 20 milhões de toneladas (42% da produção mundial). Ademais, a uva produzida nessas regiões é caracterizada no mercado mundial como de melhor qualidade (FAO, 2015; KREUZ *et al.*, 2005).

Em 2013, o comércio internacional movimentou cerca de 2,5 milhões de toneladas de uvas frescas, destacando-se Chile, Estados Unidos, África do Sul e Turquia como os principais exportadores. Esses quatro países responderam por, aproximadamente, 64% do total exportado naquele ano (1,6 em milhões de toneladas), e desde 2005 vêm liderando as exportações dessa fruta. Não obstante, mesmo sendo um dos maiores exportadores, os Estados Unidos são também um grande importador de uvas frescas, importaram em 2013, cerca de 24% do volume total das importações mundiais (567.676 toneladas). São, ainda,

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

importantes importadores de uvas frescas: União Europeia, Rússia, Canadá, China, México, Coreia do Sul e Indonésia (FAO, 2015).

Já o Brasil, em 2013, ocupou a quarta posição na produção mundial de uva de mesa, em uma área colhida de 80 mil hectares, e uma produção estimada em um milhão de toneladas, que atende à demanda doméstica e exportação. Os principais destinos da uva brasileira são União Europeia: destacando-se os Países Baixos (Holanda), grande centro distribuidor de frutas da Europa, além de Reino Unido, Noruega, Alemanha, Suécia, Itália e Lituânia; na América do Norte, destacam-se Estados Unidos e Canadá e, no âmbito do MERCOSUL, a Argentina é o principal mercado destino. Além de exportador, o Brasil também importa uva de outros países para consumo *in natura* (uvas de mesa), sobretudo da Argentina, Chile, Itália, África do Sul e Turquia, chegando, em julho de 2012, a um volume importado de 57.908 toneladas (MDIC, 2015; FAO, 2015).

O clima favorável e uma produção espalhada por três regiões do país têm favorecido o seu crescimento e como consequência impactado positivamente na geração de emprego e de divisas (MAPA, 2007; FAO, 2015; IBGE, 2013). Esse aumento da produção de uva tem permitido ao Brasil ampliar as exportações, e isso vem ocorrendo desde o ano de 2005, o que tem levado o país a se destacar no comércio internacional; embora tenha enfrentado alguns períodos de queda na produção em função de fatores climáticos (falta de chuva e às vezes excesso) e fatores exógenos como a crise financeira internacional, que diminuiu a demanda pela fruta, principalmente da Europa (IBRAF, 2010; MELLO, 2008; MDIC, 2015). Esses fatores fizeram com que os anos de 2008 e 2009 fossem muito difíceis para os produtores de uva do Vale do São Francisco.

De maneira geral, o setor tem incrementado cada vez mais novas tecnologias, aportando mais recursos e divulgando mais a uva produzida no país, tudo isso vem gerando ampliação do mercado interno e externo. Apesar da diversidade de tipos de uva produzida, fatores como investimentos em inovação tecnológica, materiais genéticos mais resistentes e sistemas de produção mais adequados são importantes medidas para dinamizar o setor produtor (VELOSO et al., 2008).

De acordo com Guerra et al. (2009), nos estados do Rio Grande do Sul (destaque para a região da Serra Gaúcha – Vale dos Vinhedos), Santa Catarina, e Vale do São Francisco nos estados de Pernambuco e Bahia, estão concentrados os principais polos de produção e comercialização de uva do Brasil. A produção de uva do Sul do país destina-se, basicamente,

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

para o mercado interno (fruta fresca e processamento – sucos, vinhos etc.), enquanto a do Vale do São Francisco, em sua maioria, segue para o mercado internacional, conforme Veloso et al. (2008), e se destaca das demais zonas produtoras do Brasil em uvas de mesa, pois é responsável por 95% das exportações do país (MAPA, [s.d]).

3 Competitividade: breves considerações

O comércio internacional se desenvolveu pela expansão dos meios de transporte e comunicações, do aumento do consumo e da escassez dos recursos necessários para a produção de alguns bens. Isso fez com que cada país explorasse os recursos abundantes existentes, gerando excedentes potencialmente exportáveis. Essas práticas foram evoluindo e proporcionando diversas vantagens para os agentes envolvidos nas trocas comerciais (VELOSO *et at.*, 2008). Nesta perspectiva, cada país deveria se especializar na produção de bens em que fosse mais eficiente, tornando-se competitivos via uso intensivo do fator abundante. Tal situação beneficiaria o comércio internacional, mesmo se os países não fossem eficientes ou capazes de produzir todos os bens demandados (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005).

No entanto, ser competitivo na exportação de um determinado bem depende de diversos fatores, tais como a tecnologia disponível e a sua apropriação pelos agentes econômicos, os preços das matérias primas, as taxas de câmbio, dentre outros elementos, segundo Pinheiro et al. (1992). Pode-se notar, então, que existem diversas variáveis que influenciam a competitividade e, conforme esses autores, a mensuração do grau de competitividade deve levar em consideração aspectos como o desempenho do agente produtor (que vai desde a participação de um determinado produto de uma única empresa até uma dada economia como um todo), a macroeconomia envolvida na comparação entre estes agentes (como taxa de câmbio, incentivos fiscais etc.) e a eficiência no processo produtivo em si (englobando características como levantamento de custos, maximização de recursos, dentre outros).

Assim, o caráter de desempenho do processo competitivo se associa à competitividade de um país e à sua *performance* no mercado internacional, sendo possível aqui a utilização de indicadores para avaliar o quanto um país ou uma firma seriam competitivos, por exemplo. Já a abordagem macroeconômica, por outro lado, avalia a competitividade a partir de variáveis

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

que interferem nas decisões de política econômica, tais como a taxa de câmbio, as taxações, os subsídios e incentivos à exportação e a política salarial, para citar algumas. Por fim, a eficiência na competitividade se refere às características estruturais do processo produtivo, onde se avalia a produtividade de um bem de acordo com seus níveis de eficiência, como na comparação do grau de qualidade frente a concorrentes, ou à análise da cadeia produtiva, levando em consideração custos, matéria prima, cadeia de suprimentos, tecnologias logísticas, dentre outras (PINHEIRO *et al.*, 1992).

Assim, optou-se aqui por selecionar um conjunto de indicadores para analisar a competitividade e compreender a evolução do desempenho exportador da uva brasileira no mercado internacional, baseando-nos e limitando-nos, neste estudo, a investigação da vertente do desempenho da competitividade brasileira das exportações de uva.

4 Metodologia

4.1 Área de estudo

A delimitação espacial deste trabalho são as regiões brasileiras produtoras de uva¹, compostas pelo Vale do São Francisco (estados de Pernambuco e Bahia), Sul (Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul) e Sudeste (São Paulo e Minas Gerais) do país. O período analisado refere-se aos anos compreendidos entre 2005 e 2014.

4.2 Técnicas de procedimentos

Para a análise da competitividade brasileira dessa fruta no mercado internacional, foram utilizados os indicadores de competitividade: Vantagem Comparativa Revelada (VCR), Taxa de Cobertura (TC), Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC) e Posição Relativa de Mercado (PRM).

Vantagem Comparativa Revelada (VCR)

Esse indicador está fundamentado na Teoria das Vantagens Comparativas de Ricardo (1817) e no indicador VCR proposto por Balassa (1965) para especificar os preços pós-

¹ Neste trabalho foram considerados os seguintes segmentos de produção de uva, de acordo com a Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NMC), adotada pelo AliceWeb: uvas frescas (NCM 08061000) e uvas secas (NCM 08062000).

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

comércio e analisar a vantagem comparativa revelada de um produto exportado por uma região. O VCR é definido de acordo com a equação (1) abaixo:

$$VCR_{ijk} = \frac{\left(\frac{X_{ij}}{X_{ik}}\right)}{\left(\frac{X_j}{X_k}\right)} \quad (1)$$

Em que: VCR_{ijk} = Vantagem Comparativa Revelada do produto i , de uma região j em relação a uma zona de referência k . X_{ij} = Valor exportado do produto i da região j ; X_{ik} = Valor total exportado do produto i na zona de referência k ; X_j = Valor total das exportações totais da região j ; X_k = Valor total das exportações da zona de referência k .

Este indicador varia entre 0 e infinito. Valores maiores que um ($VCR > 1$) indicam que a região j possui vantagem comparativa revelada para o produto i . Valores menores ($VCR < 1$) revelam que a região analisada possui desvantagem comparativa (ILHA; WEGNER; DORNELLES, 2010).

Taxa de Cobertura (TC)

É um indicador utilizado para verificar se a região ou país é comprador ou vendedor do produto no comércio internacional. É calculado conforme a seguinte equação (2):

$$TC_{ij} = \frac{X_i}{M_i} \quad (2)$$

Em que: TC_{ij} = Taxa de cobertura do produto i da região ou país j ; X_i = Valor das exportações do produto i da região ou país j ; M_i = Valor das importações do produto i da região ou país j .

Se a Taxa de Cobertura for maior que um, as exportações são superiores às importações do produto i do estado ou região j , indicando que o produto possui vantagem comparativa no comércio e contribui para aumentar a balança comercial do país. Se o indicador for menor que um, infere-se que há desvantagem comparativa no comércio internacional desse produto, e que esse não contribui para a geração de divisas para o país (SOARES; SILVA, 2013).

De acordo com Hidalgo (1998), citado por Albuquerque (2010), quando os indicadores VCR e TC, para determinado produto i de uma região j , apresentam valores superiores à unidade, considera-se que esse produto é relevante para a economia pelo

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

potencial de comercialização. Por outro lado, se $VCR < 1$ e $TC < 1$, isso indica que o produto possui fraca inserção no comércio exterior. Se apenas um dos dois indicadores for inferior à unidade, considera-se que esse instrumento é insuficiente para identificar a relevância do produto para a economia.

Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC)

Trata-se de um indicador que contribui com a identificação da especialização das exportações e foi definido por Lafay (1990). Consiste na comparação do saldo comercial observado de cada produto, ou grupo de produtos, com o saldo comercial desse mesmo produto. O indicador ICSC de um produto ou de grupo de produtos i , em uma região j , pode ser apresentado da seguinte forma:

$$ICSC_i^t = \left[\frac{100}{\frac{(X_i^t + M_i^t)}{2}} \right] * \left[(X_i^t - M_i^t) - (X^t - M^t) * \frac{(X_i^t + M_i^t)}{(X^t + M^t)} \right] \quad (3)$$

Em que: $ICSC_i^t$ = Índice de Contribuição ao Saldo Comercial do produto i , num período de tempo t ; X_i^t = Exportações do produto (uva brasileira dos estados produtores), em determinado período t ; M_i^t = Importações de uva no estado em determinado período t ; X^t = Exportação total do estado por fluxo de tempo t ; M^t = Importação total do estado, em dado período t .

Assume-se que quando o ICSC for maior que zero, o produto analisado possui vantagem comparativa revelada; em contrapartida, se os valores forem negativos, não se observa vantagem quanto ao produto. Pondera-se que, no longo prazo, se a preferência do mercado consumidor não se alterar, a demanda doméstica para todos os produtos tenderia a crescer em um ritmo semelhante ao PIB (LAFAY, 1990).

Sendo assim, os setores em que a balança comercial cresce em ritmo mais acentuado comparativamente ao PIB são os que possuem competitividade no mercado internacional. Não obstante, aqueles setores cuja balança comercial avança mais lentamente em relação ao crescimento do PIB, a competitividade se mostra débil, já que uma parte menor da demanda interna é atendida pela produção local (LAFAY, 1990).

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

Posição Relativa de Mercado

O cálculo da Posição Relativa de Mercado (PRM), apresentado por Lafay (1990), tem como objetivo mensurar a competitividade de um país frente ao mercado externo. A respeito deste indicador, Silva, Anfalos e Filho (2001) postulam sobre a importância de se determinar a posição de uma nação no mercado internacional de um produto, a partir do saldo comercial ($X_{ik}^t - M_{ik}^t$) e sua relação com o total desse produto em termos mundiais (W_k^t). Neste trabalho, identificou-se a posição dos estados produtores de uva em relação ao mercado nacional, conforme a equação (4):

$$PRM_{ik}^t = \left(\frac{X_{ik}^t - M_{ik}^t}{W_k^t} \right) \times 100 \quad (4)$$

Em que: PRM_{ik}^t = Posição Relativa de Mercado do país i para o bem k no período t ; $X_{ik}^t - M_{ik}^t$ = saldo comercial do estado i para o bem k no período t ; W_k^t = total do produto comercializado no Brasil, isto é, valor total das exportações mais as importações nacionais do produto k no período t .

A partir da equação 4 foi calculado o saldo comercial da produção de uva para os estados selecionados neste trabalho em relação à produção total comercializada no Brasil. Conforme Boulhosa e Amin (2004), os valores positivos para esse indicador significam saldos superavitários na balança comercial, e valores negativos indicam uma situação deficitária no mercado.

4.3 Fonte de dados

Os dados de exportação e importação foram coletados no Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (Aliceweb2) da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), órgão vinculado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), e referem-se aos valores anuais FOB (*Free on Board*), expressos em moeda americana - dólar (US\$).

5. Resultados e Discussão

De acordo com os resultados dos indicadores de VCR, TC, ISCS e PRM (Tabela 1), a uva brasileira produzida nos estados da Bahia e de Pernambuco (Vale do São Francisco)

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

apresenta competitividade no comércio internacional. No entanto, a competitividade não é a mesma na região, pois o estado da Bahia apresenta menor competitividade quando comparado ao estado de Pernambuco, embora nos dois casos os valores do VCR sejam maiores que 1. Acrescenta-se também que há redução na competitividade a partir de 2008, e isso pode ter ocorrido conforme Oliveira et al. (2011), pela necessidade de ajustes na produção em função da exigência das grandes redes de supermercados europeus para a adoção de sistemas de certificação para garantir a qualidade da fruta; e esses são seus maiores importadores. Mesmo assim, o estado de Pernambuco apresenta-se como o maior produtor na região do Vale do São Francisco, tornando-a muito competitiva e com grande inserção no mercado internacional. Aponta-se que tal fato pode ter sido favorecido pela proximidade ao porto de Suape existente nessa região.

Tabela 1. Indicadores de competitividade da exportação de uva dos estados da Bahia e Pernambuco, 2005 e 2014

Ano	VCR	Bahia		Pernambuco		
		TC	ICSC	VCR	TC	ICSC
2005	9,33	384,89	0,77	79,28	129,69	7,12
2006	8,87	287,59	0,73	99,07	155,43	8,33
2007	8,96	265,47	0,92	107,78	193,43	10,13
2008	8,78	86,73	0,73	128,35	119,34	8,86
2009	8,68	76,01	0,59	111,40	85,64	6,65
2010	7,09	26,02	0,45	124,75	49,29	6,35
2011	5,85	16,20	0,27	159,52	25,56	4,91
2012	6,87	20,61	0,31	124,96	21,30	3,46
2013	6,91	12,96	0,27	86,16	17,67	2,52
2014	6,64	11,25	0,18	172,73	11,37	2,05

Fonte: dados da pesquisa.

Quanto ao ICSC (Tabela 1), pode-se perceber que há competitividade na comercialização da uva para todo o período analisado, e nesses dois estados os efeitos são positivos sobre a balança comercial brasileira, destacando mais uma vez o estado de

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

Pernambuco, que apresenta valores do ICSC superiores à unidade. A análise conjunta entre os indicadores VCR e a TC reforçam o potencial da uva produzida no Vale do São Francisco, evidenciando que Bahia e Pernambuco se mostraram competitivos, em todo o período analisado, e se posicionam fortemente no mercado exportador de uva, revelando a vantagem comparativa da produção dessa região.

As Tabelas 2 e 3 apresentam os resultados dos indicadores de VCR, TC e ICSC para as regiões Sul e Sudeste do Brasil, respectivamente. Pode-se observar, conforme valores dos indicadores VCR, TC e ICSC para os estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais, que essas regiões não apresentaram competitividade no mercado internacional. Os valores do VCR e TC são inferiores a um. Para o indicador ICSC os valores foram negativos para as regiões Sul e Sudeste do Brasil. Esses valores devem ser analisados com cuidado, pois o que pode estar revelando é o distinto destino da produção dessas regiões (por exemplo, mercado interno), diferente da região do Vale do São Francisco que vem se especializando em atender à demanda do mercado externo. Em trabalho de Araújo (2004), foi observado esse mesmo fenômeno.

Tabela 2. Indicadores de competitividade da uva para Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, 2005 a 2014

Ano	Paraná			Santa Catarina			Rio Grande do Sul		
	VCR	TC	ICSC	VCR	TC	ICSC	VCR	TC	ICSC
2005	0,00	0,00	-0,06	0,00	0,00	-0,12	0,00	0,00	-0,01
2006	0,00	0,00	-0,08	0,01	0,01	-0,16	0,00	0,00	-0,01
2007	0,00	0,00	-0,06	0,00	0,00	-0,15	0,00	0,00	-0,02
2008	0,00	0,00	-0,06	0,00	0,00	-0,18	0,00	0,00	-0,01
2009	0,00	0,00	-0,09	0,00	0,00	-0,16	0,00	0,00	-0,03
2010	0,00	0,00	-0,15	0,00	0,00	-0,11	0,00	0,00	-0,03
2011	0,00	0,00	-0,10	0,00	0,00	-0,12	0,00	0,00	-0,03
2012	0,00	0,00	-0,08	0,00	0,00	-0,16	0,00	0,00	-0,04
2013	0,00	0,00	-0,08	0,00	0,00	-0,15	0,02	0,02	-0,04
2014	0,00	0,00	-0,06	0,00	0,00	-0,14	0,00	0,00	-0,06

Fonte: dados da pesquisa.

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. **C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA**, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

Quando se expande a análise para o indicador PRM, verifica-se, em todo o período analisado, percentuais negativos para os estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais (Figura 1). Tudo isso pode refletir a tomada de decisão dos produtores quanto ao mercado destino. Daí se infere que para os produtores do Sul e Sudeste o mercado interno tem sido mais interessante, seja para escoar a fruta fresca, como também para produtos processados (vinhos, sucos, geleias etc.).

Tabela 3. Indicadores de competitividade da uva para São Paulo e Minas Gerais, 2005 a 2014

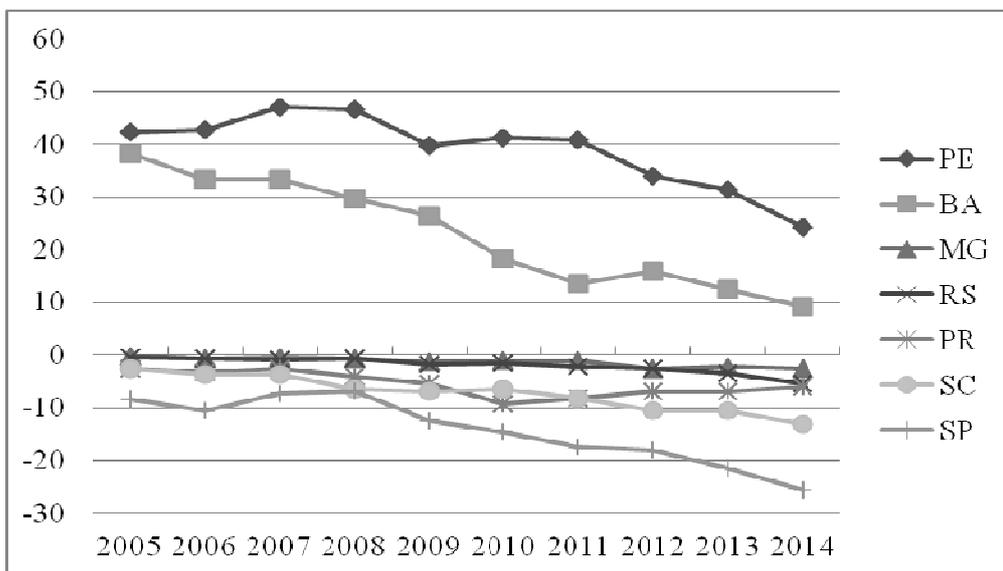
Ano	São Paulo			Minas Gerais		
	VCR	TC	ICSC	VCR	TC	ICSC
2005	0,01	0,03	-0,04	0,00	0,00	-0,01
2006	0,00	0,01	-0,04	0,00	0,00	-0,01
2007	0,01	0,03	-0,03	0,00	0,00	-0,01
2008	0,01	0,02	-0,02	0,00	0,00	-0,01
2009	0,01	0,01	-0,04	0,00	0,00	-0,02
2010	0,00	0,00	-0,05	0,00	0,00	-0,02
2011	0,00	0,00	-0,05	0,00	0,00	-0,01
2012	0,00	0,00	-0,05	0,00	0,00	-0,04
2013	0,00	0,00	-0,05	0,00	0,00	-0,03
2014	0,00	0,00	-0,05	0,00	0,00	-0,03

Fonte: dados da pesquisa.

No mercado exportador de uva percebe-se que os estados de Pernambuco e Bahia ocupam melhor posicionamento quando comparados aos outros estados produtores. Isso reforça a ideia de que a região do Vale do São Francisco vem orientando sua produção, sobretudo, para a exportação de uva (fruta fresca), daí seu destaque nas exportações do país.

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. **C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA**, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

Figura 1. Posição Relativa de Mercado (PRM) das exportações brasileira de uva, por estado, 2005 e 2014



Fonte: Dados da pesquisa.

Pode-se observar que a demanda externa vem decrescendo nos últimos anos em todos os estados analisados, conforme valores do indicador PRM. Isso pode ter sido gerado por fatores externos (crises) e também pela redução nos investimentos na atividade. De acordo com a IBRAF ([s.d.]), em 2007 os investimentos foram de R\$535 milhões para apoiar a comercialização de uva, no entanto, esse valor reduziu consideravelmente em 2010. Assim, um conjunto de fatores externos e internos vem ocasionando perda de competitividade do país no mercado internacional.

6. Considerações Finais

A uva vem ampliando a participação na balança comercial do país, contribuindo para as economias regionais. Dentre os estados produtores, Pernambuco e Bahia apresentaram maior penetração no mercado internacional da fruta, revelando competitividade, de acordo com os indicadores aplicados neste estudo. As exportações de uva brasileira também apresentaram vantagem comparativa nesses dois estados durante todo o período analisado, configurando a importância dessa fruta na pauta exportadora da região. Essa competitividade pode, ainda, ser ampliada via expansão de áreas produtivas e maior incentivo à produção.

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. **C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA**, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

Apesar dos estados das regiões Sul e Sudeste do país se posicionarem entre os principais do Brasil, esses não apresentaram vantagem comparativa no mercado internacional, o que pode ser explicado pelo destino da produção que se concentra basicamente no mercado interno, seja para o consumo *in natura* da fruta ou na produção de vinhos e outros produtos derivados da uva.

As análises de competitividade das exportações de uva brasileira indicam que a região do Vale do São Francisco pode estar respondendo aos investimentos efetuados e, assim, se destacando no comércio internacional. Dessa forma, pode-se inferir o efeito positivo das medidas de política que foram criadas para essa atividade naquela região. Ademais, a estratégia de exportação tem se revelado positiva à medida que gera divisas relevantes à região. No entanto, novos desafios e exigências se impõem à manutenção dessa competitividade, especialmente aquelas relacionadas aos novos padrões de consumo e que exigem adaptação rápida dos produtores a fim de manter seu posicionamento no mercado.

Referências

BALASSA, B. **Trade Liberalization and Revealed Comparative Advantage**. The Manchester School of Economic and Social Studies, 1965.

BOULHOSSA, R. L. de M. e; AMIN, M. M. Uma análise da posição competitiva do Brasil no mercado internacional de abacaxi *in natura*. In: **XLII CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**. 2004, Cuiabá.

CAMARGO, U. A.; TONIETTO, J.; HOFFMANN, A. Progressos na viticultura brasileira. **Revista Brasileira de Fruticultura**. vol.33, Jaboticabal Out. 2011.

CORONEL, D. A.; MACHADO, J. A. D.; CARVALHO, F. M. A. Análise da competitividade das exportações do complexo soja brasileiro de 1995 a 2006: uma abordagem de *Market-Share*. **Economia contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 281-307, mai/ago 2009.

FERNANDES, S. M.; WANDER, A. E.; FERREIRA, C. M. Análise da competitividade do arroz brasileiro: vantagem comparativa revelada. Goiás, 2008, 11 p. **XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, 2008, Rio Branco.

FOOD AND AGRICULTURAL ORGANIZATION (FAO). **Statistic**, 2015. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/browse/Q/QC/E>>. Acesso em: 5 jun. 2015.

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. **C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA**, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

GUERRA et al. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Embrapa Uva e Vinho Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Embrapa). Conhecendo o essencial sobre uvas e vinhos. **ISSN 1516-8107** n° 48, 69 p. Bento Gonçalves, Junho, 2009.

HIDALGO, A. B. Vantagem Comparativa e recursos naturais no comércio exterior do Nordeste Brasileiro. In: **O Agronegócio Brasileiro: Desafios e Perspectivas**. Brasília: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Brasília (Sober), 1998. p. 265-279.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FRUTAS (IBRAF). Dados sobre exportações. [s.d]. Disponível em: <<http://www.ibraf.org.br>>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FRUTAS (IBRAF). **Chuva e crise reduzem exportação de uva neste ano**. Notícias 13 de janeiro de 2010: Disponível em: <http://ibraf.org.br/news/news_item.asp?NewsID=6396>. Acesso em 24 jul. 2015.

ILHA, A. S.; WEGNER, R. C.; DORNELLES, J. P. O agronegócio gaúcho na perspectiva da vantagem competitiva revelada (1996-2006). **Análise**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 63-71, jan/jun 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário** – Pesquisa Pecuária Municipal. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

KREUZ, C.L, et al. Avaliação econômica de alternativas de investimento no agronegócio da uva no meio oeste catarinense. **Ver. Bras. Frtic**, Jaboticabal – Sp, v.27, n.2, p. 230-237, Agosto de 2005. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbf/v27n2/a12v27n2.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia Internacional: Teoria e Política**. 6ª ed. São Paulo: Pearson, 2005.

LAFAY, G. Mesure des avantages comparatifs révélés. **Économie Perspective Intentionale**, [s.l]. v. 41, n. 1, p. 12-15, 1990.

MELLO, L. M. R. de. **Áreas e Produção de Uva: Panorama Mundial**. Brasília: EMBRAPA, 2009.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). **Culturas: Soja**. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/vegetal/culturas/soja>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC). **Balança Comercial Brasileira: dados consolidados**. Brasília, 2015.

AMARAL, G. V. et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. **C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA**, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

MOTA, C. C. P.; CERQUEIRA, J. S.; REZENDE, A. A. Participação da produção da soja na balança comercial: uma análise comparativa a partir da produção do estado do Mato Grosso, no período de 2002 a 2012. **Revista de Estudos Sociais**, v. 15, n. 29, 2013.

OLIVEIRA et al. Produção integrada no Vale do São Francisco: situação e perspectivas – a produção intergrada de uvas como caso de sucesso. **CONBRAAF – Congresso Brasileiro de Fitossanidade**: SP, Jabotical, p.6, 2011.

PETRAUSKI, S. M. F. C.; MARQUES, G. M.; SILVA, M. L.; CORDEIRO, S. A.; SOARES, N. S. Competitividade do Brasil no mercado internacional de madeira serrada. **Cerne**, Lavras, v. 18, n. 1, p. 99-104, jan/mar 2012.

SOARES, N. S.; SILVA, M. L. Competitividade brasileira no comércio internacional de produtos extrativos vegetais. **Econ. NE**, Fortaleza, v. 44, n. 4, p. 879-893, out/dez 2013.

SILVA V. da; ANEFALOS, L. C.; FILHO, J. C. G. dos R. **Indicadores de competitividade internacional dos produtos agrícolas e industriais brasileiros, 1986-1998**. São Paulo: IEA-SP, 2001. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out//LerTexto.php?codTexto=412>>.

SILVA, J. L. M. S.; MONTALVÁN, D. B. V. Exportações do Rio Grande do Norte: estrutura, vantagens comparativas e comércio intraindustrial. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 46, n.2. Brasília, 2008.

TONDATO, Cristina. **Caracterização dos canais de marketing da uva de mesa da região noroeste do estado de São Paulo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Agronegócios). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2006.

VELOSO et al. Demanda mundial por uvas de mesa e o desempenho das exportações brasileiras no período de 1990 a 2005. **XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Rio Branco – Acre, 20 a 23 de julho de 2008.